

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
30 de Abril de 2022  
A CINEMATECA COM O INDIE LISBOA – DIRECTOR'S CUT

## ISTORIYA GRAZHDANSKOY VOYNY / 1921 “História da Guerra Civil”

*Um filme de Dziga Vertov*

*Imagem (35 mm, preto & branco, formato 1x33) e montagem: não identificados na cópia / Música desta versão: Anvil Orchestra*  
*Produção: VFKO (Departamento de Fotografia e Cinema da Rússia) e Narkompros (Secretariado do Povo para a Instrução) / Cópia: digital (transcrita do original em 35 mm, intertítulos em russo, com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / Duração: 94 minutos / Estreia mundial: União Soviética em 1921, em dia e mês não identificados / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

Numa fórmula feliz, Jean Rouch definiu Dziga Vertov como “o poeta das festas revolucionárias”, na medida em que se pode considerar os anos 20 como o período da festa revolucionária na União Soviética, com entusiasmo e vontade de experimentar tanto a nível das relações sociais quanto das artes. O cinema, arte então novíssima, foi o instrumento preferido destas manifestações artísticas revolucionárias, apesar de brilhantes exemplos na literatura e nas artes plásticas, assim como no grafismo, que delas descende. E na primeira grande geração de cineastas soviéticos, que compreensivelmente ignorou o cinema, por vezes excelente, que se fizera na Rússia dos czares, Vertov foi sem dúvida o mais radical - teve inclusive uma polémica pública com Eisenstein - pois era contra a presença de atores e intertítulos. Vertov, na verdade, era contra todo e qualquer cinema de ficção e ilustrou as suas ideias e a sua audácia em extraordinárias séries de atualidades cinematográficas (um género novo num país novo) como os **Kino-Nedelja** (“Semana Cinematográfica”), com quarenta números realizados entre 1918-19 e cuja totalidade foi preservada e **Kino-Pravda** (“Versão Filmada da Pravda” = a verdade), com vinte e três números entre 1922 e 1925, muitos dos quais se perderam na sua versão original. Vertov teorizou e manifestou-se como nenhum outro cineasta da sua geração para propagar a sua visão do cinema, cunhando muitos neologismos, como *cine-olho* (*kino glaz*) - a câmara como olho e o olho como câmara - e *kinoks*, para designar os praticantes do seu cinema documentário e militante, que ele não queria ver confundido com reles “cineastas”. Não tardaria a ser considerado demasiado radical, inclusive pelos seus pares e a ser posto um tanto de lado. Em fins dos anos 60 renasceu o interesse pela sua figura na Europa Ocidental. Jean-Luc Godard batizou Groupe Dziga Vertov a cooperativa cinematográfica que fundou e – o que é muito mais importante e fecundo – uma seleção de escritos de Vertov foi publicada em França com o título *Articles, Journaux, Projets*, o que suscitou a sua publicação noutras línguas. A posição de Dziga Vertov na história do cinema, sobretudo no período mudo, está estabelecida há muito tempo sem que ele nunca tenha sido atacado, mas os seus filmes não são programados pelas cinematecas e festivais com a regularidade que merecem. **Istoriya Grazhdanskoy Voyny** foi restaurado a partir de duas cópias, pois a que existia nos arquivos moscovitas contava apenas 500 dos 3 mil metros do original em película em 35 mm e foi utilizada uma segunda cópia, localizada na Dinamarca. Não é nada impossível que parte do material soviético tenha sido objeto das tesouras da censura por motivos políticos: vemos por diversas vezes Trotsky, que antes de ser assassinado por ordem de Estaline em 1940 no México fora apagado da história soviética, nomeadamente em livros e filmes, a partir de 1928.

Até certo ponto, **Istoriya Grazhdanskoy Voyny** não é muito típico do trabalho de Vertov, na medida em que ele, nos seus filmes mais típicos e nas suas atitudes mais sinceras, sempre se posicionou no presente, de modo prospectivo pois trata-se de um presente em transformação, o presente feito de futuro do *novo homem* na recém-nascida União Soviética.

Todo o entusiasmo que percorre os **Kino-Nedelia** e **Kino-Pravda** provém do aspecto imediato daquilo que é filmado, da veracidade absoluta daquilo que vemos mediado pelo cinema, da mistura de certeza e esperança na mudança e a consciência de que esta ainda não está consolidada. Indo na direção oposta a tudo isso, **Istoriya Grazhdanskoy Voyny** não é um filme prospectivo e sim retrospectivo, uma obra (oficial?) de encomenda para celebrar o fim dos combates da guerra civil que se seguiu à vitória dos comunistas em 1917, que chegaram a termo em 1921, embora os historiadores considerem que a guerra civil soviética só chegou realmente ao fim em 1923. Vertov já respondera a uma encomenda semelhante em 1918 com **“O Aniversário da Revolução”/Godovshchina Revoluistii**.

No vasto e erudito volume *Lines of Resistance – Dziga Vertov and the Twenties*, Yuri Tsivian argumenta que *“hoje, o interesse dos **Kino Nedelia** reside mais nas pessoas e acontecimentos que são retratados do que na maneira de retratá-los. O sentido de descoberta de Vertov, o seu gosto pelo novo, só eram estimulados, pelos vistos, quando ele tinha de enfrentar a tarefa de remontar alguns números dos **Kino Nedelia** para inseri-los em novas e mais vastas unidades: **“O Aniversário da Revolução”/Godovshchina Revoluistii, de 1918, primeiro documentário de longa-metragem de Vertov, de 1921”**. Se Vertov sentiu-se “estimulado” por este trabalho é impossível saber, mas a qualquer espectador parecerá evidente que **Istoriya Grazhdanskoy Voyny** não foi filmado em ordem cronológica e que Vertov e os seus colaboradores não estiveram presentes nas diversas etapas da guerra que mostram, inclusive do lado oposto das barricadas, pois temos um retrato filmado posado do mais célebre chefe militar dos “brancos”, o Almirante Kolchak, que já tinha sido executado quando o filme foi concluído. Do ponto de vista da propaganda política **Istoriya Grazhdanskoy Voyny** tem a clara função de dizer à população que a guerra civil acabou mesmo e que a vitória foi dos bolcheviques – o que era a pura verdade, mas cuja difusão num território tão vasto tinha de ser cimentada por um filme. Dividido em capítulos e nomeando muitas vezes como *anarquistas* os partidários da monarquia, **Istoriya Grazhdanskoy Voyny** coloca-se abertamente numa perspectiva histórica oficial, apresentando a narrativa oficial bolchevique, à qual Vertov (*“leninista convicto”*, como lembrava Jean Rouch) aderiu sem dúvida com sinceridade. Neste filme estamos antes da revolução, não no sentido pessoal e quase sentimental contido no título do segundo filme de Bertolucci, mas no sentido literal, histórico, pois o início da transformação da sociedade russa foi simultâneo à luta pela consolidação do poder político. A vitória da revolução bolchevique só veio ao cabo de três anos de combates e é este percurso que o filme de Vertov reconstitui. É sem dúvida por isto – por se tratar de uma reconstituição – que o filme não tem o brilho fulgurante que caracteriza **O Homem da Câmara de Filmar, A Sexta Parte do Mundo** ou as melhores passagens dos **Kino-Pravda**. Na ótica do registo oficial que é a de **Istoriya Grazhdanskoy Voyny** é preciso relatar factos, lembrar tal ataque e tal vitória, porque é esta narrativa que se vai impor e perdurar. Se os intertítulos são tão numerosos talvez seja porque o material visual disponível não seja de valor extraordinário. Em algumas passagens podemos duvidar seriamente se aquilo que vemos corresponde realmente ao que é dito nos intertítulos, ou seja, se a *mentira* que está no cerne do cinema de ficção não percorre, por mais estranho que pareça, este filme do mais célebre inimigo do cinema de ficção que é Dziga Vertov: por exemplo, quando nos é dito que determinado pelotão bolchevique combateu vestido de branco para ser visto com menos facilidade na neve e o que vemos é um grupo de homens vestidos de preto a correrem por um campo sobre o qual não há um centímetro de neve. O desenlace é um surpreendente anti-clímax, resultado talvez das perplexidades do restaurador do filme diante do material que encontrou e que traz alguns matizes à nossa percepção do mais rebelde, do mais radical, do mais visionário de todos os grandes nomes do grande cinema feito na União das Repúblicas Soviéticas durante o período mudo, o *kinok* Dziga Vertov, pseudónimo artístico de Denis Kaufmann, que significa aproximadamente *o pião que gira*.*

Antonio Rodrigues